

RESENHA

MONTOITO, R. *Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll: Silogismos e Tontogismos como Exercícios para o Pensamento*. Pelotas: IFSul, 2019. 142 p.

John Lennon Lindemann¹

Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll, é mundialmente famoso por seus livros nonsense, “clássicos da literatura inglesa” (GARDNER, 2002, p. xvii), mas também é lembrado por suas contribuições no desenvolvimento da lógica, como o seu método diagramático para resolução de silogismos apto ao tratamento de termos negativos² e seus estudos precursores na elaboração de métodos de árvores³. Diante de tanto reconhecimento, ainda há algo novo que possa ser dito sobre lógica e nonsense nas obras de Carroll?

Há e sempre haverá! Essa é a resposta que extraímos da obra “Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll” (MONTOITO, 2019). A própria obra é uma prova disso. Nas palavras do autor: “[...] há mais de 10 anos a estudo [a obra de Carroll] e sempre descubro camadas de interpretação, referências, conexões e conteúdos novos” (MONTOITO, 2019, p. 133).

O autor, Prof. Dr. Rafael Montoito, fez pós-doutorado na University of Birmingham (Inglaterra), analisando os diários e correspondências de Carroll. Através do seu profundo conhecimento sobre o tema, apresenta uma análise minuciosa sobre as relações entre lógica e nonsense nas obras de Lewis Carroll. A análise não pretende ser única ou definitiva, dada a pluralidade de sentido permitida pelos jogos de linguagem carrollianos (MONTOITO, 2019, p. 19), mas é, sem dúvida, fruto de um estudo apaixonado.

Desde o início somos advertidos de que o livro não é um manual de lógica, embora tenha “a intenção de traçar discussões sobre a lógica simbólica – de um outro ponto vista” (MONTOITO, 2019, p. 17). Enquanto Chesterton (1911, p. 5) defende que “Alice no País das Maravilhas” (CARROLL, 2002 [1865]) pode ser interpretada e ressignificada pelo estudo da lógica e de conteúdos matemáticos, Montoito expande tal proposta para outros universos

¹ Mestre em Filosofia. Atualmente realiza pesquisa de doutorado em Filosofia pela UFSM com ênfase em lógica.

² Para mais detalhes, ver Abeles (2007).

³ Para mais detalhes, ver Anellis (1990).

literários de Carroll, desvendando conteúdos lógicos “ocultos” ao mesmo tempo em que apresenta uma análise da relação entre suas obras, sempre evidenciando a utilidade e o potencial para o ensino de lógica nelas contido.

Sobre a noção de nonsense própria ao trabalho de Carroll, Montoito (2019, p. 37) argumenta que, embora o termo seja usado comumente como sinônimo de “sem sentido”, o nonsense carrolliano não é avesso ao sentido, mas emerge justamente da formação de um novo sentido sob outro sistema referencial. A liberdade criativa descompromissada com a realidade não se traduz em uma afronta à lógica, pelo contrário, o nonsense carrolliano é fruto justamente da ordem lógica, mostrando o seu funcionamento inclusive sob novos sentidos.

Em congruência com a noção de nonsense, somos apresentados ao conceito de “tontogismo”, que já ocorre no subtítulo da obra e é basilar à argumentação apresentada. O conceito é introduzido por Montoito (2019, p. 27) como uma categorização para pensar a lógica presente nas obras de Carroll. O termo é traduzido de “*sillygism*”, um dos tantos neologismos carrollianos. Montoito (2019, p. 27) explica que o termo “tonto” não é usado de modo pejorativo, mas envolvido em um toque de humor, com roupagem carinhosa.

O tontogismo é um buraco de fechadura através do qual, estando no mundo real, espia-se a lógica de um universo fantasioso em que tudo pode mudar ou deixar de funcionar, menos a própria lógica; ou, estando no mundo imaginário, se espia o mundo real para entendê-lo através de outro sistema de referências. (MONTITO, 2019, p. 28)

Ou seja, uma maneira de, apoiado nos usos e abusos da linguagem, comunicar ideias lógicas. Montoito (2019, p. 27) sugere que o tontogismo também possa ser adequado para definir o universo real do autor, cujos dados biográficos enfatizam bom humor e brincadeiras.

Dada as noções de nonsense e tontogismo, segue-se a tese principal: “a lógica do nonsense é una em sua essência e intencionalidade de educar a mente, porém tem três facetas” (MONTITO, 2019, p. 36). Isto é, não há ruptura entre a literatura nonsense e os trabalhos sérios sobre lógica. Aquele por detrás do nome de batismo e aquele por detrás do pseudônimo são um e o mesmo homem. Mesmo “Symbolic Logic” (CARROLL, 1986), sua obra mais madura sobre lógica, é fruto de um longo desenvolvimento dos seus trabalhos

com a lógica nonsense e não abre mão de tontogismos, como se percebe em seus exemplos.

Tal tese é controversa porque Charles Lutwidge criou o seu pseudônimo, “baseado na inversão latinizada de seus dois primeiros nomes” (COHEN, 1998, p. 99), especificamente para suas obras literárias e justamente para que os críticos não as relacionassem com as suas publicações sérias, de caráter acadêmico e publicadas sob o seu nome de batismo. Sob tal ponto, Montoito (2019, p. 55) argumenta que:

[...] ainda que o pseudônimo Lewis Carroll tenha assinado mais obras de literatura enquanto seu nome de batismo aparece associado à maioria das suas obras acadêmicas e correspondências pessoais, o que se pode perceber são traços de um mesmo homem, de um mesmo ser pensante e escritor em todas as suas obras; há, apenas, um descompasso que penso ser proposital na maneira em que escreve, ora mantendo-se mais formal, ora dando mais vazão ao nonsense, sem jamais impor que um estilo anule o outro.

Apesar de propor tal unidade, o autor nos adverte que ela se divide em três facetas, todas pavimentadas sob a noção de tontogismo como linguagem argumentativa principal: (1) a lógica como estrutura narrativo-literária, (2) a lógica como conteúdo a ser ensinado e (3) a lógica como exercício de reflexão para inserção no mundo.

A faceta (1) diz respeito especificamente às suas obras literárias, onde lógica e nonsense compõem a trama na qual suas narrativas se sustentam e “universos nonsensicos” são criados. A faceta (2) diz respeito especificamente aos seus manuais de lógica, nos quais a lógica é apresentada com rigor teórico e sistemático dosado por pitadas de humor e exemplos nonsense. A faceta (3) diz respeito aos ganhos pessoais pela destreza lógica, úteis em qualquer área do conhecimento humano. Nas palavras de Carroll (1986, p. 46, tradução nossa):

[O perfeito lógico] poderá aplicar sua destreza a todo e qualquer tópico do conhecimento humano; em cada um deles ela o ajudará a obter ideias claras, a ordenar o seu conhecimento, e, o mais importante, a detectar e deslindar as falácias que encontrará em cada tópico no qual ele próprio possa estar interessado.

Além da presença de tontogismos, as três facetas também se articulam sob a noção carrolliana de lógica como uma recreação mental⁴ (explícito na

⁴ Embora Carroll não explicita sua posição sobre a natureza da lógica, Braithwaite (1932), baseado na análise de suas obras, também defende que tal noção é subjacente aos seus trabalhos.

faceta 1), semelhante a um jogo cujas regras devem ser aprendidas (função da faceta 2) e, quando aprendidas, proporcionam ao jogador uma espécie de destreza que pode ser aplicada em qualquer área do conhecimento humano (faceta 3).

O livro “Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll” de Montoito (2019) se divide em seis capítulos e sua própria prosa exemplifica a noção de tontogismo, o principal conceito ao qual somos apresentados, pois o estudo teórico e lógico presente na obra é dosado por curiosidades e pitadas de humor, tornando a leitura não só instrutiva, mas também leve e prazerosa.

Antes do texto de Montoito, o livro apresenta um prólogo do Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo, que reflete sobre o próprio conceito de “livro” ao mesmo tempo em que nos prepara para a experiência da leitura subsequente (2019, p. ix-xiv).

O primeiro capítulo se chama “Apresentação (ou Por que se deve alimentar a mente como se alimenta o corpo)” (2019, p. 17-22), no qual somos apresentados às intenções da obra.

O segundo capítulo se chama “Introdução (ou Silogismos e tontogismos como exercícios para o pensamento)” (2019, p. 23-36) e nele já somos apresentados ao conceito de tontogismo enquanto o autor expõe uma visão panorâmica da extensão e genialidade das obras de Carroll.

O terceiro capítulo se chama “Apontamentos sobre o nonsense (ou Por que se deve destampar a garrafa)” (2019, p. 37-52), no qual somos apresentados à compreensão de nonsense carrolliano defendida na obra por meio de uma exposição teórica que inclui considerações sobre o contexto histórico de Carroll e dialoga com vários autores que também se posicionaram sobre o tema.

O quarto capítulo se chama “As três facetas da lógica carrolliana (ou Por que os tontogismos não são besteiro)” (2019, p. 53-112), onde somos apresentados à tese principal, isto é, a lógica do nonsense carrolliano compõe uma unidade dividida em três facetas. O capítulo se divide em três seções, uma para cada faceta.

A seção sobre a primeira faceta (lógica como estrutura narrativo-literária) não apresenta apenas as relações entre lógica e nonsense a partir do cotejamento das obras literárias, mas também um estudo de como tal estilo

literário nasceu, demonstrando que o nonsense já estava presente em escritos que remontam à infância de Carroll.

A seção sobre a segunda faceta (lógica como conteúdo a ser ensinado) se destaca pela exposição e análise das contribuições lógicas carrollianas, incluindo o seu método para resolução de silogismos apto à representação de termos negativos.

A seção sobre a terceira faceta (lógica como exercício de reflexão para inserção no mundo) não se limita às utilidades básicas da destreza lógica, como sair de confusões causadas por discursos enganosos, mas defende que, para Carroll, o aprendizado de lógica transcende a manipulação correta de um certo conteúdo, pois também implica um modo ético e até religioso de se relacionar com o mundo, apresentando evidências de que Carroll, na fase final de sua vida, como um cristão maduro, acreditava que a lógica também estava a serviço da vida espiritual.

O quinto capítulo se chama “Interlúdio Literário (ou Tontogismos para Gatos, Chás e Geleias)” (2019, p. 113-) e apresenta o exemplo de três tontogismos extraídos da obra “Alice” (CARROLL, 2002 [1865]), acompanhados de suas respectivas análises lógicas e de como podem ser usados por professores e alunos como atividades didáticas para o ensino de lógica.

O sexto capítulo se chama “Considerações finais (ou Por que se deve passar a garrafa adiante)” (2019, p. 133-137) e apresenta as considerações finais do autor acompanhadas de uma apologia ao estudo das obras de Carroll, dado todo o potencial nelas contido, especialmente para o ensino de lógica.

O livro tem 142 páginas e foi lançado em formato digital pela Editora IFSul, de Pelotas, sendo a primeira publicação desta nova editora. O livro está disponível para download gratuito no site da editora.

Referências bibliográficas

ABELES, F. F. Lewis Carroll's visual logic. In: *History and Philosophy of Logic*. v. 28, n. 01, p. 1-17, Jan. 2007.

ANELLIS, I. From Semantic Tableaux to Smullyan Trees: A History of the Development of the Fatsifiability Tree Method. In: *Modern Logic*. Jan. 1. 1990. p. 36-69.

BRAITHWAITE, R. Lewis Carroll as logician. In: *The Mathematical Gazette*, v. 16, n. 219, p. 174-178, Jul. 1932.

CARROLL, L. *Alice*: Edição comentada. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. [1865].

CARROLL, L. *Symbolic Logic*: Lewis Carroll's. 6. ed. Rev., ampl. e atual. New York: Clarkson Potter, 1986.

CHESTERTON, G. K. *A Defense of Nonsense and Other Essays*. Nova Iorque: Dodd, Mead & Company, 1911.

COHEN, M. N. *Lewis Carroll*: Uma biografia. Tradução de Raffaella de Filippis. Rio de Janeiro: Record, 1998. 669 p.

GARDNER, M. Introdução à 2ª Edição. In: CARROLL, L. *Alice*: Edição comentada. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p. xvii-xxi.

MONTOITO, R. *Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll*: Silogismos e Tontogismos como Exercícios para o Pensamento. Pelotas: IFSul, 2019. 142 p. Disponível em: <<http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul/catalog/book/114>>. Acesso em 27 de dezembro de 2019.